

“Hip Hop e Negritude: o rap no reforço de identidades culturais afrodiáspóricas ”

GTE 23 - Relações Étnico-Raciais, perspectivas afrodiáspóricas e decolonialidade em Educação Musical

Comunicação

*Djenane Vieira dos Santos Silva
Faculdade de Educação - USP
nane.vieira@yahoo.com.br*

Resumo: Este é o recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação Musical realizado junto ao PPGMUS da Universidade Federal da Bahia entre os anos de 2016 e 2018, cujo objetivo principal foi analisar os processos educativos em música na cultura Hip Hop, bem como a construção da identidade cultural de jovens negros periféricos, tendo o rap como influência direta, tendo como campo de pesquisa a Casa do Hip Hop de Diadema. Aqui trago uma reflexão sobre identidade cultural e negritude a partir das leituras e análises feitas durante a pesquisa, convidando o leitor a pensar, refletir e discutir junto comigo como o rap enquanto música contemporânea da diáspora africana propicia uma tomada de consciência política a partir de suas narrativas. A pesquisa constatou que, o rap, enquanto música da diáspora africana, afirma e reforça as identidades negras de jovens periféricos ao mesmo tempo em que a cultura Hip Hop em si apresenta uma dinâmica de ensino e aprendizagem musical própria das culturas ancestrais, em que a oralidade mostra-se como metodologia eficaz para transmissão de conhecimentos.

Palavras-chave: Hip Hop, Identidade Cultural, Negritude.

Pra começo de conversa

Esta pesquisa na verdade começou bem antes, numa espécie de etnografia durante os shows de rap em que eu ia ou mesmo nos diálogos com músicos da cena Hip Hop que ocasionalmente acabei conhecendo. O universo Hip Hop é vasto, tem suas peculiaridades e quem adentra a esse espaço, sem ser necessariamente da Cultura, deve ter muito respeito, principalmente ao fazer música, pois como já dizia o grande rapper Sabotage “Rap é compromisso, não é viagem”. Nesses shows, me interessava principalmente pelas relações entre o público e os/as artistas, nas reações do público a cada música, das razões por eles e elas estarem ali. Nessas

incursões coletei vários depoimentos, fiz muitas anotações em meu diário, registrei muitas horas de documento audiovisual e muitas fotos.

Um detalhe nesses shows era bastante perceptível, embora meio óbvio: a grande porcentagem de pessoas negras entre o público. O rap é música do gueto (SHUSTERMAN, 2015) É música da diáspora africana reelaborada. De certo que o rap, sobretudo com o avanço e popularização da internet e do mercado do entretenimento, alcançou não apenas o público negro, mas também as camadas mais altas da sociedade e isso pode ser constatado nos valores dos ingressos, nas casas de shows onde os eventos acontecem e também no público cada vez mais misto que comparece aos eventos de rap, contudo, o rap jamais deixou de ser música negra. É o gênero musical mais ouvido nos Estados Unidos¹, assim como o R&B.

A cultura Hip Hop trouxe consigo uma forte herança ancestral africana, com os negros da diáspora que encontraram-se no South Bronx, no fim da década de 1970, entre os escombros dos imóveis incendiados, imersos na falta de perspectiva e atenção do poder público. A esses negros da diáspora juntaram-se latinos (negros e não-negros) que muito contribuíram para essa movimentação inicial. A *disco music*, líder absoluta das paradas de sucesso, amalgamava-se a essa nova cultura que surgia com os *samplers*, com os passos de *break dance*, com as batidas e rimas e aos poucos, a transição da *disco music* para o *Hip Hop* tornou-se inevitável. Era o limiar de uma nova era para a cultura negra dos Estados Unidos.

No Brasil, os bailes *blacks* do Rio de Janeiro e São Paulo serviam *locus* de aquilombamento em plena ditadura militar (SEBADHELHE, 2017; SILVA, 2013). Assim como nos Estados Unidos com o movimento *Black Power*, que, além de movimento político de resistência também era um movimento pela valorização da estética negra, o “Movimento Black Rio” funcionava como um disparador da autoestima dos negros e artistas como Toni Tornado e Gerson King Combo conclamavam os negros a valorizarem sua estética, como na música “Mandamentos Black”².

Em São Paulo, as equipes de baile, como a Zimbabwe, Chic Show, Black Mad, Musicália e Os Carlos, agitavam os bailes blacks e ocupavam os grandes clubes

¹ <https://www.hypeness.com.br/2020/09/como-rb-e-hip-hop-ultrapassaram-o-rock-e-se-tornaram-os-generos-mais-ouvidos-dos-eua/>

² <https://www.youtube.com/watch?v=kGknEh80NZc>

da capital paulista. Eram festas que aglutinavam milhares de jovens negros e definitivamente, a *black music* servia como um hino numa marcha do levante negro. O Hip Hop, algum tempo depois, também viria a se tornar a música de resistência negra. O movimento Hip Hop no Brasil teve sua ligação com o Movimento Negro (FÉLIX, 2018; ANDRADE, 1999) assim como nos Estados Unidos os Panteras Negras estavam sempre presente nas festas de Hip Hop e conclamavam aos jovens a entrarem na luta do movimento dos direitos civis.

O início de um movimento cultural híbrido

Os quatro elementos da Cultura Hip Hop, o MC, o DJ, o B-Boy ou B-girl e o Grafite, já existiam, cada um com sua potência criativa e com grupos artísticos já existentes antes de um jovem DJ, famoso por suas festas épicas e por seu grande conhecimento em discos de vinil, chamado Lance Taylor, mais conhecido como Afrika Bambaataa, juntar todos os jovens e esses elementos artísticos num único propósito: fazer arte e reafirmar a negritude do Bronx. Assim nascia o que se tornaria a Cultura Hip Hop. Posteriormente, o próprio Bambaataa incluiria um 5º elemento: o Conhecimento. Admite-se, entretanto, que hoje, outros elementos podem ser incluídos nessa cultura, como por exemplo, a moda e a literatura negra.

Convém ressaltar que o termo “Hip Hop” foi usado pelo MC Lovebug Starks (PISKOR, 2016) numa festa em que o refrão era cantado pelo MC e repetido pelo público, como explica Silva (2018):

O uso do termo *Hip Hop* surgiu após o Dj Kool Herc samplear duas músicas bastante conhecidas na época: “Ele pegou um trecho de *Give it up or turn it loose* de James Brown e complementou com o refrão ‘*Hip Hop you don’t stop, that makes your body rock*’” (WELLINGTON, 2008, grifos nossos). Esse refrão foi criado pelo DJ e MC Lovebug Starski para agitar as festas, sendo traduzido cruamente como: “Quadril, salto, não pare, isso faz seu corpo balançar”. A expressão *hip* tem a tradução de “quadril”, mas pode ser considerada como “segundo a última moda”, e a expressão *hop*, como “pular, dançar”. Assim sendo, *hip hop* era uma maneira jovial (e rápida, já que entra aqui a questão da métrica) de dizer “mexam os quadris, não parem de dançar, essa é a última moda!”. Essa expressão passou a designar as festas onde tinham DJ e MC. (SILVA, 2018. p.50).

No South Bronx, vivia (e ainda vive) uma grande comunidade de caribenhos, indianos, latinos e afroamericanos, com seus diferentes sotaques,

costumes e heranças culturais. Nesse caldeirão cultural, o Hip Hop surge como uma cultura híbrida, fruto dessas mesclas culturais, sobressaindo as heranças culturais da diáspora africana, na dança e na música, principalmente. A ocupação dos espaços públicos atribui ao Hip Hop o caráter de cultura cultura de rua, uma cultura de pertencimento do território e até de um certo modo, de uma afirmação do ser e estar de jovens negros em espaços que lhe são de direito. Em São Paulo, a ocupação de dois lugares icônicos para o Hip Hop nacional, a rua 24 de Maio e Estação São Bento, do Metrô, tornou-se um símbolo de resistência, ainda que a constante vigilância policial tentava impor uma opressão. Contudo, a ocupação da região central da maior metrópole da América Latina, denunciava uma desigualdade perene que atingia em cheio a juventude negra, como afirma a geógrafa Carin Gomes (2008):

A técnica e a arte dos quatro elementos nova-iorquinos chegam e instalam-se no território paulistano pela semelhança do contexto da desigualdade espacial que o Hip Hop apresenta; assim a arte chega e mistura-se em determinados locais de São Paulo. É nesse momento que o Hip Hop começa a viver junto à realidade paulistana, iniciando o processo de uso do território. (GOMES, 2008, p. 83)

A “porta de entrada” da cultura Hip Hop no Brasil foi o break Dance, e tem nas figuras de Nelson Triunfo e Nino Brown, este último se tornaria o representante do Brasil da maior organização de Hip Hop do mundo: a *Zulu Nation*, fundada por Afrika Bambaataa o qual pessoalmente, escolheu o b-boy como representante no Brasil.

Se a dança foi o marco inicial da cultura Hip Hop no Brasil, a música, na figura do rap, não tardaria a encontrar seus representantes. Assim, o então B-boy Thaide, junta-se ao já aclamado DJ Hum e formam a primeira dupla de rap do Brasil. A estação São Bento viu surgir grandes nomes do Hip Hop nacional de diferentes épocas, como grafiteiros “*OsGêmeos*”. O centro da cidade de São Paulo tornou-se palco de uma cultura negra urbana de uma juventude que expressava-se pela voz e pelo corpo, e assim, “em 1985 houve o primeiro Encontro Nacional de Hip Hop, reunindo cerca de 10 mil pessoas, segundo os organizadores. Crews de todo o Brasil compareceram para as batalhas ou os “rachas”, como eles mesmos denominavam” (SILVA, 2018).

A cultura de rua reafirma a ocupação de jovens negras e negros em espaços diversos e de direito público. A presença dessa cultura em espaços centrais, a meu ver, confere uma grande carga simbólica de resistência política e é cada vez frequente essa ocupação, ainda que a constante vigilância da polícia seja presente.

Hip Hop: Raça, pertencimento e ancestralidade africana

Eu não li, não assisti. Eu vivo o negro drama,
Eu sou o negro drama, Eu sou fruto do negro drama.

(Negro Drama - Mano Brow - Racionais

MC's)

As narrativas das músicas de rap, quase sempre realistas, denunciam as desigualdades sociais e raciais pelas quais a população negra passa desde a diáspora. Assim, os rappers assumem o papel de porta-vozes do povo periférico, como diz o rapper Emicida, na música *Triunfo*³:

[...] Uns rimam por ter talento, eu rimo porque eu tenho uma missão. Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido. Os esquecidos lembram de mim porque eu lembro dos esquecidos, tipo embaixador da rua.

A questão da negritude é tratada pelo Movimento Hip Hop como de natureza intrínseca, tendo em vista sua origem. Contudo, é necessário entender como os envolvidos se veem e se definem, além de como constroem suas identidades individuais e coletivas. O Movimento Hip Hop posiciona-se desde seu início sobre essa tomada de consciência da negritude da população negra, assim como nos Estados Unidos com o Movimento Black Power, O Movimento Negro Unificado tem uma importância fundamental nesse processo, e a música atua como uma ferramenta de afirmação e empoderamento do povo preto (FELIX, 2018). Grupos de rap e MCs trazem em suas composições questões sociais e raciais vivenciadas por eles próprios, o que valida ainda mais essas narrativas. As questões

³ <https://www.youtube.com/watch?v=YMJOmluUwiM>

de negritude, pauta constante nas letras de rap são vistas por Mano Brown⁴, líder do grupo Racionais MC's, como naturais, porém essenciais pela própria vivência cotidiana:

O lance é o seguinte [...]: o DNA da primeira ideia dos Racionais era já falando de raça negra, certo? [...] Sempre me enxerguei dentro da cultura [negra], então pra gente é mais do que natural falar sobre isso, não é uma militância. [...] Isso vai sair, vai fluir. [...] A gente tinha 18 anos, não tinha o grupo... e a gente já falava sobre isso. Não tinha interesse econômico nisso, a gente tinha sonhos, a gente já falava sobre a coisa da raça, do preconceito, da injustiça. Ele [apontando pra KL Jay] foi discriminado na empresa debaixo do meu bigode, eu vi ele sofrer racismo [...] eu vi com meus olhos, no mercado de trabalho, longe dos holofotes (BROWN, 2017).

Do próprio grupo Racionais MC's, o mais importante grupo de rap do Brasil, surgiu a obra-prima do rap brasileiro: *Negro Drama*, composta em 2002 para o disco *Nada como um dia após o outro dia*, onde a situação do negro foi retratada em versos e rimas que atingiram em cheio a maioria dos jovens negros de todo o país, tornando-se um hino à negritude das “periferias, vielas e cortiços”. A letra contundente nos faz refletir sobre como a sociedade se torna cega diante da realidade cruel das quebradas, muitas vezes invisibilizada [a realidade] pelo poder público e essa música é a denúncia do abismo social que a sociedade brasileira finge não existir, percebida no verso “Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso”:

A frase é endereçada a quem o escuta, mas certamente não aos negros, não àqueles que vivem o negro drama, a quem não ocorreria a dúvida de que o rapper suspeita haver em seu interlocutor. O verso parece expor a consciência de que, afinal, ele não fala apenas para os seus iguais, mas para uma população mais ampla, talvez a sociedade como um todo. (ZENI, 2004).

Quando Edi Rock traz o verso “Eu visto preto, por dentro e por fora”, ele afirma sua identidade diaspórica, assim como Mano Brown na segunda parte da música traz o relato de sua origem, na frase: “Família brasileira, dois contra o mundo, Mãe solteira de um promissor vagabundo [...] Mais um filho pardo, bastardo, sem pai”, situação comum na maioria das comunidades pobres

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=aqx8TyV85lc>

brasileiras, onde a mulher negra cria seus filhos sozinha⁵. Ambos os compositores reconhecem sua condição de negro e os reveses que a cor da pele traz numa sociedade excludente e racista.

Fazer uma leitura de si enquanto pessoa negra é um processo de construção social que pode se dar inicialmente no seio familiar (quando, por exemplo, uma família negra tem a consciência de pertencimento étnico e ensina a seus filhos e filhas sobre o orgulho da negritude), ou mesmo numa tomada de consciência política, como aconteceu com o rapper Emicida:

Eu não tinha uma reflexão sobre a cor da minha pele até os 18 anos de idade, quando fui pra o exército. Eu só sabia que eu era mais escuro que as pessoas e que eu era zoadado por isso. [...] Eu fui me descobrindo, foi uma coisa que você vai atrás de encontrar referências positivas sobre você. (EMICIDA, 2016)

O rap também auxilia os jovens negros nesse processo. *Negro Drama* é a música mais citada quando perguntado aos entrevistados dessa pesquisa, ou mesmo fora dela: “Qual o rap mais marcante pra você e com o qual você se identifica?”.

O sentimento de representatividade e identidade de uma grande parte do povo da quebrada com o rap se deve às verdades dos rappers cantadas em prosa e verso que narram a realidade desse povo. A realidade das desigualdades sociais vividas no dia a dia e a opressão do sistema são frutos do racismo institucional e estrutural de uma sociedade excludente, que torna os discursos do Hip Hop denúncias dessa realidade cruel. É certo que a experiência negra não é única e portanto, muitos jovens negros e negras das periferias podem não se sentirem representados/as necessariamente pelo rap.

Sabotage, um dos mais respeitados rappers da história do Movimento Hip Hop brasileiro, deixou uma frase emblemática que representa perfeitamente essa questão: “O rap tem que ter raiz, tá ligado? Não por nada não, morô? mas tem uma pá de cara cantando rap aí, os caras falando de sofrimento. Agora falo pra você: se eu fosse falar de tanto sofrimento meu tempo não ia dar”.

⁵ <https://www.geledes.org.br/maes-que-criam-filhos-sozinhas-as-pessoas-mais-fortes-que-voce-ira-conhecer-na-vida/>

Embora hoje seja possível perceber uma profusão de grupos de rap que não são formados por jovens negros periféricos, como primeiro grupo de rap indígena do Brasil, o Brô MC's, para citar apenas um dos muitos exemplos de como o rap alcança outros grupos identitários, O DJ Bobby, um dos sujeitos dessa pesquisa, percebe uma invasão de grupos de rap representando a classe dominante, ou seja, representantes da branquitude:

A questão da cor [referindo-se à negritude] é importantíssima, principalmente agora nesse momento que estamos vivendo, que tudo tá se tornando branco, principalmente o próprio movimento aí tá se cadenciando numa estrutura branca isso daí eu tô vendo que tá deixando os pretos e pretas escondidos, os brancos aí andam falando um monte de m...e enfim né, mano, é isso aí [...] mas nosso irmãos pretos aí que já estão há “milianos” na estrada que tem um destaque legal, ficam trazendo a branquitude né meu, aí os pretos que tão chegando, que tem umas ideias da hora, que só tão precisando de um empurrãozinho assim, e os irmãos pretos que não tão vendo isso, não sei o que está acontecendo. Ficam trazendo essa branquitude. (DJ BOBY, 2017).

A revolta de DJ Bobby é compreensível e se explica por alguns episódios de artistas que se apropriam do movimento Hip Hop mas que, na visão dele, não vivem a essência do Hip Hop, não têm o lugar de fala e não tem propriedade para falar das mazelas sociais. DJ Bobby refere-se ao privilégio da branquitude em abrir espaços para si ocuparem lugares de destaque, invisibilizando outros sujeitos, o que Maria Aparecida Bento chama de “pacto narcísico da branquitude”.

O pertencimento é importante para o processo de construção identitária e de percepção de mundo. O rapper Criolo é pontual ao afirmar: “Sensação de pertencimento e identidade: parece que quanto mais a gente tem mais a gente sofre, porque mais a gente se revolta em perceber as desigualdades”⁶.

Marcia é uma jovem negra de Salvador, estudante de serviço social da UFBA, que conheci num show do grupo Racionais MC's em 2016, no dia do seu aniversário. O depoimento emocionante da jovem, colhido para essa pesquisa, confirma a importância da representatividade:

A música que eu mais me identifico é “A vida é desafio”, eu canto essa música como um hino na minha vida. Me ajuda muito quando

⁶ Entrevista ao site Ponte Jornalismo. Trecho a partir de 1'43. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YFg8ah7eDMM&t=185s>

às vezes vejo que está tudo muito difícil, quando a luta é difícil, aí então coloco essa música para me dar forças, para me levantar e essa música é minha vida escrita. Eu choro toda vez que escuto ela.

O Movimento Hip Hop, por ser uma cultura oriunda da diáspora africana na contemporaneidade, articula identidades negras ressignificadas a partir das relações com os movimentos sociais, promovendo o encontro de culturas que talvez nunca tivessem tido a oportunidade de se encontrarem em África. Assim, as transformações pelas quais as sociedades passam ao longo dos tempos, aliadas às diversas características sociais e culturais dos povos da diáspora, encontram força nas interações, corroborando o pensamento de Stuart Hall sobre a fluidez das identidades.

O professor Kabengele Munanga é um dos grandes expoentes dos estudos sobre **negritude** e seus sentidos, as relações étnico-raciais e seus impactos na população jovem negra. O professor aborda questões importantes para entendermos a dinâmica do racismo na sociedade brasileira, que é diferente do racismo praticado nos Estados Unidos, por exemplo. Ele discute enfaticamente sobre o “racismo à brasileira” para explicar o racismo velado que é praticado aqui no Brasil.

Por ser uma manifestação contemporânea da diáspora africana, o Movimento Hip Hop traz em seu cerne uma retomada de valores históricos e culturais, os quais são considerados necessários para a perpetuação do sentimento de pertencimento de um grupo social, nesse caso, os negros. Torna-se necessário, portanto, compreender a negritude e todas as simbologias existentes nela contidas.

O termo **negritude** foi criado em Paris nos anos 1930 por Aimé Césaire, da Martinica que junto ao guianense Leon Damas e o senegalês Léopold Sedar Senghor são considerados até a atualidade os teóricos fundadores do **Movimento da Negritude**. Havia o propósito nesse movimento de entender as similaridades desses negros que começaram a chegar nas universidades dos colonizadores no mundo todo, vindos de terras diferentes, de assimilações das culturas colonizadoras diferentes, mas que possuíam traços estéticos semelhantes, chegando a uma notória consciência: a consciência negra (MUNANGA, 2009, p. 51).

Os objetivos da negritude, segundo os teóricos, eram: resgatar a identidade negra; rebelar-se contra o poder colonial pela emancipação dos colonizados e promover uma reflexão das relações entre os povos. Dentre todas, a questão da identidade, da reabilitação da identidade negra, seria o maior dos desafios. Césaire definiria negritude como o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história e de sua cultura, segundo relata Munanga (2009, p. 52). Contudo, anos mais tarde o próprio Césaire definiria negritude em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade. À luz dos escritos de Senghor, o professor Kabengele Munanga nos diz:

Identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer de cabeça erguida: sou negro. [...] A Fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A Solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los a preservar nossa identidade comum. (MUNANGA, 2009, p. 51-52).

Portanto, é possível afirmar, que a gíria “mano”, referente à palavra “irmão”, ou *brother* no inglês, cuja gíria pode ser *bro*, tenham relação com esse sentimento fraternal de irmandade. Nos Estados Unidos os negros costumam usar a expressão *queen* para referir-se às mulheres negras da comunidade, independente de pertencerem ou não ao universo Hip Hop, fazendo alusão às rainhas que vieram na diáspora e suas descendentes.

Essa explicação serve para justificar o sentimento de Orgulho Negro levantado por James Brown, e também explica o Movimento *Black Power*, resgatando uma autoestima perdida por séculos de dominação. Assim, a negritude “trata-se, portanto, de reabilitar estes valores e estes pontos de referência ridicularizados pelo tráfico negreiro e pela colonização” (BONI, 2006).⁷

Usarei aqui o rapper Emicida como exemplo de artista da diáspora que usa simbologias africanas como reforçadores da identidade negra. Ele usa constantemente, como marcas registradas, que permitem seu público entender a aproximação e associação de sua música com a ancestralidade africana, dois

⁷ <http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=24970&lan=PO>

símbolos: O ideograma adinkra *Sankofa*⁸ e a expressão *ubuntu*. O primeiro símbolo é representado por um pássaro que voa para frente olhando para trás carregando um ovo (símbolo do novo), cuja tradução é um provérbio do povo Acã que diz: “Não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”, ou seja, devemos refletir o passado para ressignificar o presente e mudar o futuro. O segundo símbolo, a expressão *ubuntu*, significa “eu sou porque nós somos”, afirmando o sentimento de coletividade presente nas inúmeras culturas africanas. Portanto, podemos considerar também um outro símbolo usado na cultura Hip Hop que faz relação ao senso de unidade na coletividade: a expressão “é nós”.

O Movimento Hip Hop, por ser um movimento cultural de raízes ancestrais africanas e por ser um movimento cultural negro contemporâneo, busca reforçar essa ancestralidade e reafirmar a identidade negra diaspórica. Assim, os discursos dos rappers e as mensagens transmitidas alimentam a identidade cultural de um povo que, por meio do sentimento de irmandade, encontra forças para lutar contra a opressão que ainda impera ao povo negro da diáspora ao redor do mundo.

O **Movimento da Negritude** nasceu com o intuito de conectar os traços culturais e identitários dos povos da diáspora, tentando entender como se dava essa conexão ancestral, e buscava também a definição do que era ser negro. Mesmo com os esforços dos intelectuais da época, esse movimento não atingiu, como se esperava, os países africanos colonizados. Assim, mesmo depois do processo de independência desses países, o consumismo assumiu o papel de reforçador dos ideais da branquitude, influenciando sobretudo as mulheres negras a alisarem os cabelos, usarem perucas e clarearem a pele com produtos criados para tais fins. (MUNANGA, 2009, p. 73). Se o movimento da negritude a princípio não conseguiu atingir inicialmente uma grande parte da população negra, essa retomada de consciência viria nos anos 50 e 60 com força total com o movimento *Black Power*, como mencionado anteriormente.

Conforme o autor, o conceito de negritude perpassou por várias definições ao longo da história, mas em tese “oscilam entre duas interpretações antinômicas:

⁸ Ideogramas adinkras são figuras, símbolos da cultura do povo acã, de Gana, os quais representam provérbios.

uma mítica e outra ideológica” (LECHERBONNIER, 1977, p. 105 apud MUNANGA, 2009, p. 57). A primeira refere-se à ancestralidade, a retomada às origens antes do colonialismo, do orgulho de ser negro, revitalizando a negritude (mesmo sem aplicar esse termo ainda). A segunda diz sobre a revolta agressiva do negro frente à branquitude opressora, em resposta às atrocidades cometidas contra todos os negros escravizados.

Ambas definições encontram eco no movimento Hip Hop, pois busca o reforço da identidade negra diaspórica e ao mesmo tempo os discursos narrativos trazem a revolta contra o sistema opressor que atinge sobretudo a população negra e pobre das periferias. Embora coerentes, as definições trazem uma problemática: o caráter mítico marginalizaria o negro e o impediria de imprimir força para um novo pensamento ideológico de luta e transformação. Contudo, o que se percebe nos movimentos sociais e culturais negros, tantos os de caráter tradicional quanto os da contemporaneidade, é que essa dualidade entra na luta contra o sistema.

Considerações

A cultura Hip Hop como oriunda do povo periférico, negro e marginalizado pelo sistema, confere um caráter contestador, reativo e revolucionário no que diz respeito às produções artísticas, sobretudo a música. A identidade negra é profundamente marcada nesse movimento cultural, contudo, outros grupos identitários tomaram o rap como representação musical de suas ideias, como grupos indígenas, grupos de mulheres afegãs, grupos da América do Sul, que na luta contra o sistema opressor em seus territórios.

O dinamismo das culturas nos permite fazer outras análises a partir do que observamos e analisamos pelo espectro de epistemologias que nos ajudam a compreender as mudanças na sociedade e conseqüentemente nas culturas. De certo, o rap é uma das variantes musicais da diáspora africana e, como mencionado no texto, não é considerado como unanimidade no que diz respeito à representação da juventude periférica, uma vez que, a experiência negra é diversa. Vale ressaltar que o debate sobre representação e música é extenso e não se esgota, portanto, é possível aqui uma interlocução com outras perspectivas.

É importante, entretanto, que seja considerado essas culturas não hegemônicas como produção de conhecimento musical e intelectual, uma vez que fazem parte da sociedade e por vezes são invisibilizadas, sobretudo no contexto das discussões acadêmicas e nos processos educativos. Que esses saberes musicais sejam revistos e validados e cada vez mais trazidos para espaços de propagação de conhecimento como este.

Referências

ANDRADE, Elaine N. **Rap e Educação, Rap é Educação**. Elaine Nunes (org.). Ed. Summus. São Paulo, 1999.

BROWN, Mano. Entrevista coletiva do Grupo Racionais MC no Red Bull Station na exposição **Racionais: 30 anos**, Mediação: André Caramante. São Paulo, 5/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aqx8TyV85lc> Acesso em: Julho de 2021

_____. Um sobrevivente do Inferno. Entrevista a Guilherme Henrique, Henrique Santana e Nadine Nascimento ao **Jornal Le Monde Diplomatique Brasil** em 8/01/2018 Disponível em: <http://diplomatique.org.br/um-sobrevivente-do-inferno/> . Acesso em: Julho de 2021.

EMICIDA. **Programa Espelho**. Parte I. Entrevista a Lázaro Ramos. Temp 9 - Ep 1924. Exibição em 11 de Jul de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xy14vJkdx-A>>. Acesso em: Agosto de 2021.

_____. **Programa Espelho**. Parte II. Entrevista a Lázaro Ramos. Temp 9 - Ep 1924. Exibição em 11 de Jul de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HAqWy3ruoZg>>. Acesso em: Agosto de 2021.

FÉLIX, J. B. J. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. Appris Editora. Curitiba, 2018.

GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2008.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, apr. 2004. ISSN 1806-9592. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9968/11540> . Acesso em: Agosto. 2021.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. Coleção Cultura Negra e Identidades. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **É preciso unir as lutas sem abrir mão das especificidades**. *Jornal A Tarde*. Entrevista à jornalista Tatiana Mendonça em 18/06/2018. Disponível em: http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1970193-kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-145-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades?utm_source=facebook.com . Acesso em Agosto de 2021.

PISKOR, Ed. **Hip Hop Genealogia**. Editora Veneta. São Paulo, 2016.

SEBADELHE, J. O. **Na Trilha da História: A trajetória do Movimento Black Rio, que trouxe a pegada soul e funk ao samba**. Entrevista concedida à apresentadora

Isabela Azevedo para a Radio Agência Nacional. Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/cultura/audio/2017-11/na-trilha-da-historia-trajetoria-do-movimento-black-rio-que-trouxe-pegada-soul> . Acesso em: Julho. 2021.

SHUSTERMAN, R. **Música do Gueto**. Trad. LOPES, Marcos Carvalho e SEIDI Mamadu. *Capoeira - Revista de Humanidades e Letras*. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), V.2, n1, ano 2015, pp. 73-77. Disponível em: <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs2.4.5/index.php/capoeira/article/view/42/46> Acesso em: Julho.2021.

SILVA, Daniela Fernanda G. **O som da diáspora: a influência da black music norte-americana na cena black paulistana**. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-18072013182513/ptbr.php> Acesso em: Julho.2021

SILVA, Djenane V. S. **Uma fita de mil grau: o movimento Hip Hop na construção de identidades culturais afrodiáspóricas**. Dissertação de Mestrado em Música. Área de concentração: Educação Musical. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31908>

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. Estudos. Avançados. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 225-241, Apr. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Agosto de 2021.